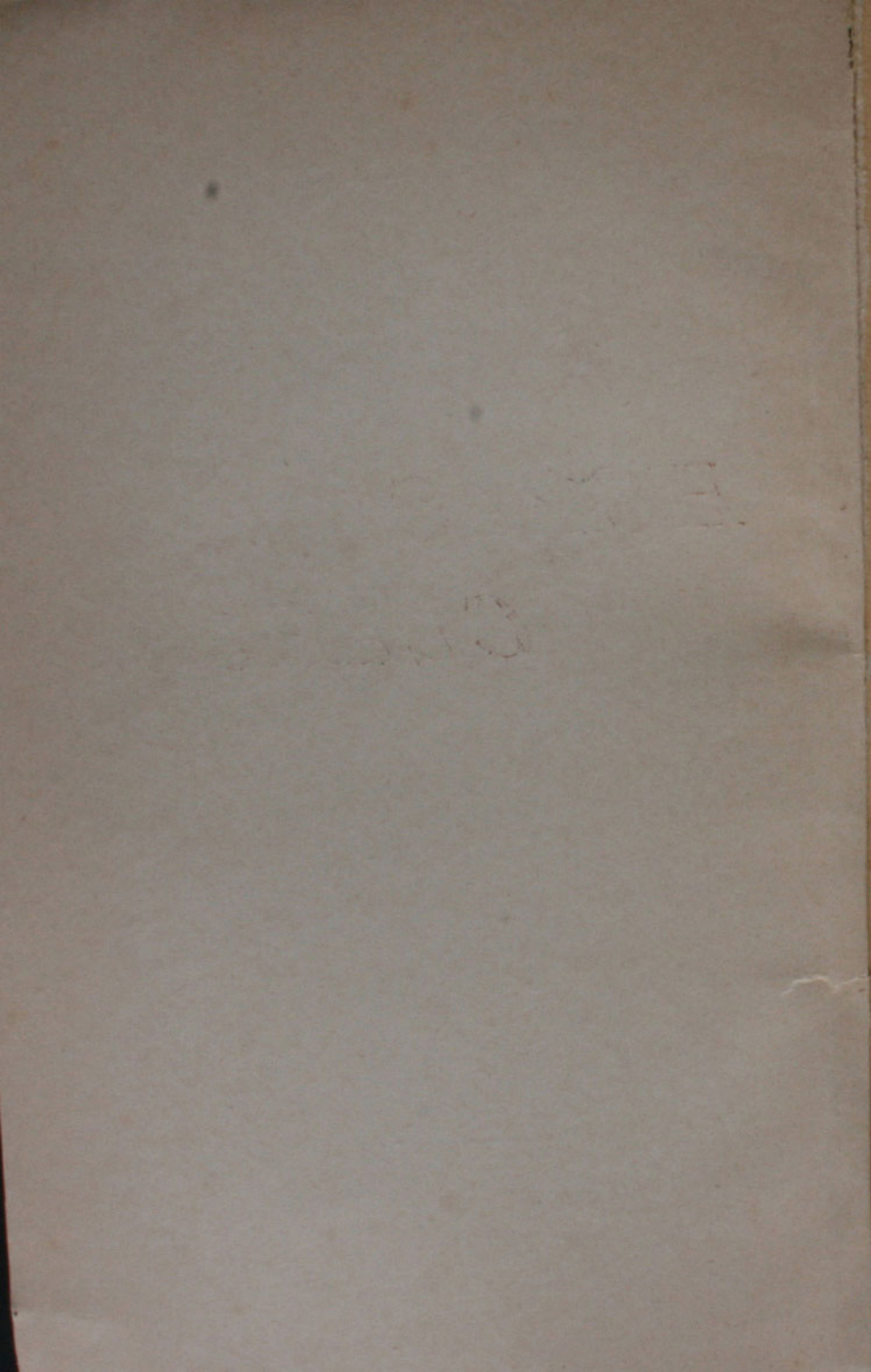


Mario Pacheco

*HORAS*  
*CLARAS*

LISBOA, 1912

4



# HORAS CLARAS

---

(1908-1912)

A Fernando Pessoa,  
entre outros,

com afetuosa



memória

Maria Tereza

Out. de 1912, Lisboa.

IMPRENSA AFRICANA

58, Rua de S. Julião, 60

LISBOA



# HORAS CLARAS

(1908-1912)



EDITED BY  
THE  
PUBLISHERS

*A ti.*

*Ao teu coração de noiva  
e ao teu espírito de artista.*



*Passam as horas claras, luminosas,  
Pela estrada da Vida a galopar;  
Alegres amazonas graciosas,  
Que partem para nunca mais voltar.*

1908.



THE HISTORY OF THE  
CITY OF BOSTON  
FROM 1630 TO 1880  
BY  
JOHN W. COOPER



## Mundo de amor

Pela tua alma de doçura infinda,  
Pela beleza dos teus olhos d'anjo,  
Pelo sossego claro que eu abranjo  
No meu passado de memoria linda ;

Pela alegria harmoniosa e bela  
Que me ilumina a mocidade ardente,  
Pelo meu sonho alto e resplendente  
Como no azul o sonho duma estrela ;

Pela tua bondade que eternizo,  
Pela manhã de sol do teu sorriso  
Na rosea curva do teu labio em flor,

Eu sinto a claridade do futuro,  
E tenho em mim o coração tão puro  
Que é todo um mundo intimo d'amor !

1912.

## Felicidade e bondade

Dizem que o amor sentido aperfeiçoa,  
E eu creio verdadeiro o que se diz ;  
Todo o amor que nos faz viver feliz  
Torna nossa alma agradecida e bôa.

Ao nosso ouvido só de longe sôa  
O rumor das paixões brutaes e vis,  
E sentimos que a vida em tudo quis  
Azular-nos o tempo, que assim vôa...

E abençoando a Vida e a Natureza,  
Nossa alma em fogo de alegria acêsa  
Abre-se p'ra a bondade e p'ra o perdão ;

E a turba que soluça e geme e sofre  
Encontra aberto o generoso cofre  
Em que o amor nos converte o coração.

1909.

Felicidade e bondade

Issem que o amor sempre se revela  
E em certo verdadeiro se dá ;  
Tudo o amor que nos faz viver  
Tem nos seus olhos a vida e a paz.

Ao nome amado só de longe é  
O nome das palavras simples e belas  
E sentimos que a vida em todo  
Através nos o tempo que assim é.



## Passeio

Foi numa noite de luar, serena,  
Que num caminho cheio de sossego,  
Ouvindo ao longe os cantos do Mondego,  
Tomei nas mãos a tua mão pequena.

O meu olhar ficou-me como cego  
No espiritual encanto desta scena,  
Era lindo o teu rosto de açucena,  
Mais lindo que o luar sobre o Mondego.

Eu não disse nada á tua alma ! E nada  
Tu me disseste a mim ! O rio entanto  
Cantava numa voz enamorada.

Hora d'amor divinamente calma !  
Tudo o que nós sentimos e não canto  
Ficou p'ra alem da morte em nossa alma...

## Saudoso

Meu amor, meu sorriso luminoso,  
Dia de primavera dos meus dias,  
O' fonte de cristal das alegrias  
Que adoçam o sofrer mais amargoso,

Meu amor! Como estou de ti saudoso,  
E de quando eu te via e tu me vias,  
E de quando escutava as harmonias  
Do teu falar — um canto harmonioso.

Mergulho o pensamento no passado,  
 Trago-o pleno de mil recordações,  
 E entra-me n'alma um quente sol doirado.

Foge o tempo... e eu relembro com instancia  
 Que o amor que nos ligou os corações  
 Amanheceu no azul da minha infancia.

1909.

Saudoso

Mien amor, meu coraço lumbroso,  
 Lá de p'ra sempre dos meus dias,  
 O fôto de cristal das alétras,  
 Que alocam ocollet mais amigosa,

Mien amor! Coma estou de ti saudoso,  
 E de quando em la via e tu me faz,  
 E de quando estavas as harmonias,  
 De teu lazar — um canto harmonioso.



## Fim dum dia calmo

As tuas mãos formosas e macias  
Ameigam o piano ao sol-poente ;  
Pela janela aberta, subtilmente,  
Voam notas de claras harmonias.

O campo é de esmeralda, o ceu é d'oiro !  
Dos salgueiros ondula o corpo brando,  
Pela janela aberta o ar entrando  
Acaricia o teu cabelo loiro.

A Natureza em roda é silenciosa,  
E na minha alma passa côr de rosa  
Uma visão da vida que fascina!

... O dia calmo e limpido esmorece,  
E ao fundo da paisagem o sol desce  
Ao som da tua musica divina...

## Perfuma-se-me o ar de f'licidade

Tenho os olhos tão puros de te vêr,  
Tão cheios de sagrada claridade !  
Perfuma-se-me o ar de f'licidade,  
E esse perfume espalha-se em meu sêr...

Por mais que o mundo irrite e desagrade  
E faça triste e áspero o viver,  
No teu olhar benigno venho lêr  
Palavras doces de serenidade.

Tristezas, egoismos e miseria,  
Tudo eu olvido nessa hora etérea  
Em que me envolve o azul do teu olhar.

Ah! quando te não vejo, meu amor,  
Vejo da vida o repetido horror  
E sinto mais desejo de te amar.



## A beleza

A beleza das coisas alegradas  
Por este sol risonho que deslumbra  
Cerca-se duma tática penumbra  
Aos olhos tristes e almas ennoitadas.

Serenos dias claros d'horas belas  
Passam todos escuros de tristeza,  
E as maravilhas mil da Natureza  
Não podem esses olhos entendê-las.

Para vêr a beleza e interpretá-la,  
Amar a terra esplendida e florida  
E o gorgieio de tudo que nos fala,

E' preciso sentir o sol em nós!  
E' preciso que o amor nos chame á vida  
Na musica imortal da sua voz!

1910

## Palavras das nossas almas

• Estrelas pelas noites primitivas  
A nossa luz trocámos com amor !  
Sentimo-nos irmãs na mesma dôr  
Mudas rochas, scismáticas, cativas.

Subimos ! Já então mais sensitivas,  
Em florestas d'um verde sonhador,  
Sonhámos igual encanto e côm  
Aspirámos a formas progressivas.



E hoje por sobre a terra-mãe amiga  
Uma afeição nos aproxima e liga  
Filha destas longinquas simpatias,

Que nos acende a chama ardente e pura  
De vida já humana que procura  
Crescer em lume vivo de alegrias !»

1909.



## A flor

Vê como a flor é bela e delicada!  
E que perfume e graça e candidez!  
A propria Natureza quando a fez  
Não ficaria altiva e deslumbrada?

O teu olhar de luz abençoada  
Não se extasia todo cada vez  
Que admira o encanto, a vida, a esplendidez  
De balsamica rosa aveludada?

E como a flor alegre os campos fóra !  
Com perolas de orvalho ao erguer d'aurora  
Com halitos de lirica pureza.

Não sentes, meu amor, profunda magua,  
Sempre que vês morrer á mingoa d'agua  
Uma flor ? — essa forma da beleza !

1909.

## A fonte conhecida

...Olhos já meigos de fadiga

*Antonio Nobre*

Já vens cansada, disse-te (e inclinára  
Sobre os teus olhos meigos de fadiga  
Meus inquietos olhos!) — minha amiga,  
Meu doce amor, andaste muito, pára.

Temos alem aquela fonte clara,  
Que já é nossa conhecida antiga ;  
Que a sua voz molhada hoje nos diga  
Uma velha canção suave e cara.



Vem meu amor, ao longe o sol declina...  
E a fonte musical e cristalina  
Tem em redor um muro; descansemos.

Diz-me palavras languidas de affecto  
P'ra que um encanto lirico e secreto  
Tenha nesta hora tudo quanto vêmos!



## O meu sentir

Como gozo hoje o bem a que aspirava,  
(E era o que eu mais queria possuir)  
E como vejo para mim sorrir  
Os labios da mulher que ha tanto amava;

Como todo esse sonho que eu sonhava  
Começa a tomar côr e a florir,  
Faço em meus versos intimos surgir  
O entusiasmo, ardente como lava.

Vejo na vida paraíso e inferno;  
E não escuto só o bronze eterno  
Da escura catedral do sofrimento.

Procuro vêr amor e vêr beleza;  
Encantam-me a ave, o ninho, a Natureza,  
E elevo o coração e o pensamento!

1909.

## Compensação

Havemos sempre de passar a vida  
Colhendo dela ao sol de cada dia,  
O que essa terra — para alguns bravia —  
Possue de bom se acaso está florida.

E mesmo que não dê o que podia  
Sonhar a nossa mente envaidecida,  
Não fique entanto a alma esmorecida  
Não vendo nela quanto presentia.



Porque gozando a vida juntamente,  
Tendo as estrelas deste amor ardente  
Sobre nossas pupilas sempre acesas ;

Unidos por affectos verdadeiros,  
Nas alegrias somos companheiros  
E companheiros somos nas tristezas.

1909.



## Mocidade

Olha o vôo seguido dos teus dias,  
Ó minha mocidade ! o vôo leve  
Para os dezebros frigidios, de neve,  
Os invernos sem côr, sem alegrias...

Adora o tempo... adora o azul presente ;  
Não volta mais... não volta... ó dôr !  
Ó mocidade vê a flor do amor  
Embebe-te em seu doce aroma ardente.

Depois é o crepusculo dos sonhos  
Nos ceus de outono, vagos e tristonhos ;  
E' o sopro glacial da noute escura...

Depois no fim da vida só nos fica  
Da bela idade tão florida e rica  
O perfume das horas de ventura.

1910.

## Longe

Longe de ti, á dor desta saudade  
Uma outra dor se funde intimamente :  
Aos olhos meus a Natureza ardente  
Corôa-se de roxa claridade . . .

O meio-dia esmaia num poente  
De vaga, de outonal serenidade ;  
Entristece-me o rir da mocidade  
Pela tristeza que a minha alma sente.

E ao teu lado sorri-me tudo então,  
Porque no meu sensível coração  
Já ri a minha limpida alegria ;

E tenho toda a noite e todo o dia  
Em teus olhos astraes de namorada  
A luz duma perpetua madrugada.



## Tormento

Não queres que a tristeza ou os cuidados  
Perturbem o sossego que eu sentia,  
Quando é tua alma que á minha alma envia  
A paz desses momentos adorados !

Se é por tua tristeza que entristeço,  
E por tua alegria que alvoroto  
O coração, bem vês que nunca posso  
Fugir á lei suave a que obedeço.

E fico entanto grato p'la ternura  
Que o teu desejo exprime santamente,  
Revelando a grandeza doce e pura

Da tua alma tão cheia de carinho ;  
Mas que me ensombre sempre e me atormente  
A dôr que se atravésse em teu caminho.

1909.

## Seára de esperanças

Na minha mesa ri e alveja o pão ;  
(A todos Deus o dêsse cada dia !)  
Mas preciso esperanças e alegria  
Para poder nutrir o coração.

E seja o teu amor o sol doirado  
Que doire esta seára espiritual,  
Como o sol do Senhor doira o trigal  
Que me oferece o pão abençoado.

E amor de toda a vida, porque morto  
O coração, o corpo é só mortalha...  
E o mundo em roda um funerario horto.

Cada horizonte a solidão alarga,  
Pende cansado o braço que trabalha  
E o pão que ri na mesa já amarga !...

Mafra, 1911.



## A lua

Por uma tarde de serenidade  
Tu vinhas a meu lado, e que alegria  
Em nossos olhos vivos transluzia  
Como em nossas palavras de amizade ;

De amizade e de amor porque as unia  
O mesmo sonho bom de flicidade...  
Que coisas nós dissémos, que saudade  
Conservo desse ameno fim de dia.

Raiou a lua mal o sol desceu,  
E tu disseste-me com voz tranquila  
(A tua doce voz!... estou a ouvi-la!...)

«Que linda a lua, vê!» E olhei o ceu  
Á extatica impressão da fala tua  
Como se nunca houvesse visto a lua!

1909.

## A minha lira

Eu não tenho segredos para a lira ;  
A minha lira sabe a minha vida,  
E ha-de cantá-la árida ou florida  
Como ela fôr sem uma só mentira.

Mas sonho a vida cheia de harmonia !  
Oíço na lira sons voluptuosos,  
A embalarem-me os dias venturosos,  
A dizerem ao vento esta alegria !



E quando a dôr quebrar contra o meu peito  
A sua vaga negra e soluçante  
E o canto meu fôr triste e mais perfeito,

A minha lira ha-de chorar comigo,  
Mas ao luar do teu amor constante  
Recordará sorrindo um som antigo !

1912.



## Passou o inverno

Passou o inverno, a neve, o frio, a bruma,  
Os jardins estão loucos por florir,  
E avistar ao alto a flor do sol a abrir  
Num ceu azul e brando, como espuma.

As minhas horas tristes, uma a uma,  
Foram passando... e o tempo que ha-de vir  
Com grinaldas de rosas e a sorrir  
A vida novamente me perfuma.

Meu amor, meu amor, a primavera  
 Mais nos enlaça as almas palpitantes  
 No sonho que floresce e em nós nascera.

Passou o inverno, a bruma, o frio, a neve;  
 Ah! mas em muitas almas como d'antes  
 O inverno fica e não ha sol que o leve. .

## Junho

Quando a terra é mais bela e mais florida,  
O sol é d'ouro e cantam mais as aves,  
Cheios do azul do ceu abriste á vida  
Os teus olhos divinos e suaves.

Hora sagrada aquela em que tu deste  
Á natureza o teu primeiro olhar!  
Eu já vivia quando tu nasceste,  
E esperava por ti para te amar.



E desde então o claro Junho em flor  
 Quando passa na terra iluminada  
 Avista na minh'alma a luz do amor.

A luz religiosa, a luz ardente,  
 A luz de vida em mim divinizada,  
 Que teve aurora e que não tem poente.

1912.

Junho

Quando a terra é mais bela e mais florida,  
 O sol é d'ouro e cantam mais as aves,  
 Libera do azul do céu aberto a vida  
 Os seus olhos divinos e suaves.

Hoje aguilão aguilão em que tu deitas  
 A natureza o teu pranto abor,  
 Eu já viva quando tu nasceste,  
 E esperava por ti pelo te amor.



## Suprema ventura

Sempre a minha alma ardente e portuguesa  
Sonhou na vida uma paixão divina,  
E adorou a beleza feminina-  
E a bondade que é íntima beleza!

Um dia o teu olhar com luz do ceu  
Iluminou-me todo o coração;  
E toda a terra e toda a vida então  
Coroadas de luz me apareceram,

Não sei que possa haver outra ventura,  
 Nem nuns olhos de amada mais doçura,  
 Nem um mundo maior p'ra o meu desejo!

E a minha lira canta a primavera  
 Que o teu amor á minha vida dera  
 Flor a flor, sonho a sonho, beijo a beijo!

1912.

## O nosso adeus

Não me disseste nada e eu nada disse...  
Por nós falou o nosso mudo olhar;  
No meu havia um mundo de pesar,  
No teu havia um mundo de meiguice.

Os olhos sabem muito bem falar;  
Uma palavra só que se encobrisse  
Teria um volver d'olhos que a traisse  
E ao coração a fosse murmurar.

E não dissemos nada... mas calados  
Nós entendemos bem que amargurados  
Já tínhamos os nossos corações.

A voz dos olhos foi como uma voz  
Ouvida dentro d'alma, só por nós,  
De inefáveis e fundas vibrações...



## Louvor da saudade

Que novos graciosísimos encantos  
Enternecido e absorto em ti descubro?  
A curva do teu labio, quente e rubro,  
Como a purpurea flor dos amarantos?

A musica da voz e dos olhares  
Quando me falam num divino estilo?  
O passo harmonioso, que é senti-lo  
E ouvir n'alma dulcíssimos cantares?

Não ! Não ! tudo eu amára e ouvira já !  
Mas de tí a saudade que eu sentia  
Graça imprevista aos teus encantos dá.

Na voz, no olhar, no passo que desliza  
Pela saudade encontro outra magia ;  
A saudade tambem nos é precisa.

## Os dois livros

On oublie, en lisant, toute pensée amère ;  
On rêve... l'heure passe insensible et légère,  
Au détour d'une page on se cherche des yeux...

*Henri Chantavoine.*

Noite... e pela janela aberta vejo  
Uns astros claros, trémulos, perdidos...  
Abro um livro e meus olhos embebidos  
Na sua luz com sofrego desejo

O lêem! mas no meio da leitura  
Que é toda feita no silencio austero  
Da noite, formo um sonho doce e espero  
Ouvir a tua voz suave e pura.

Silencio... noute... os astros vão descendo...  
As horas continuam a passar,  
E eu penso em ti e nesse encanto certo

De estarmos, sós, o mesmo livro lendo.  
A meio da leitura o meu olhar  
Procuraria o teu — um livro aberto!

1909.



## Alma re florida

Como um raio de sol abençoado  
Que entra a sorrir num lutuoso lar,  
A luz divina do teu brando olhar  
Entrou-me no meu peito amargurado.

Ouvi, num sonho lirico embalado,  
A tua voz junto de mim cantar,  
E a musica de abril do teu andar  
E o ritmo do teu seio perfumado.

Ah! foi tão curto o encanto d'esses dias!  
Fugiu tão breve o azul desses momentos  
Onde voaram pombas de alegrias.

Sonhei um sonho e regressei á Vida,  
Mas sinto-a a rebrilhar de encantamentos  
Porque tenho a minha alma refflorida.

## Horas claras

Horas claras!... mas quantas são gozadas?  
Horas de magua e de melancolia  
Compondo a nossa vida fugidia  
Ficam por muitas lagrimas contadas!

Heras claras! Sorrir do tempo em flor!  
Curtos momentos de sagrado nome,  
Pedaço de ceu d'oiro que se some  
Sob a nevoa fatal da bronzea dôr!

Por teu amor pude encontrar no mundo  
Essas horas de vida luminosas  
Que são na terra um doce bem profundo.

Ó minha alma ditosa, sonha e espera!  
O mundo é um jardim na primavera  
Se o amor o revestir de niveas rosas.

1909.



## A tua imagem

Os campos que eu fôr vêr aureoladós  
Por esta luz do estio a rebrilhar ;  
E a scintilante vastidão do mar  
E os montes altos verdes ou nevados ;

As praias amorosas ao luar ;  
As figuras de rostos adorados,  
Cabelos ondulantes e doirados,  
Voluptuosa graça, ardente olhar ;

Nada ennevoará no esquecimento  
Tudo que vive em mim em luz e ardor,  
E me ilumina a alma e o pensamento.

E eu hei-de vêr no encanto da paisagem,  
Como uma doce aparição de amor,  
O clarão matinal da tua imagem!

1912.

## Fim

Ó meus versos de Abril, cantando amor,  
E a doçura das horas mais felizes!  
Meus versos de mais intimas raizes  
De mais balsamica e doirada flor;

Nada sereis para a Beleza, nada!  
Versos que tudo sois para o meu sonho...  
Um dia, ao meu outono já tristonho  
Ha-de sorrir a vossa madrugada.

Versos feitos de luz de primavera,  
Não é o tempo, não, que vos espera,  
Mas inda aquecereis minha velhice !

Aquecereis as minhas horas frias  
Ao calor das lembradas alegrias  
No ritmo ardente e claro em que eu as disse !

1911.







DO AUTOR

LIVRO DE TROVAS — (Fóra do mercado) — 1912.

9